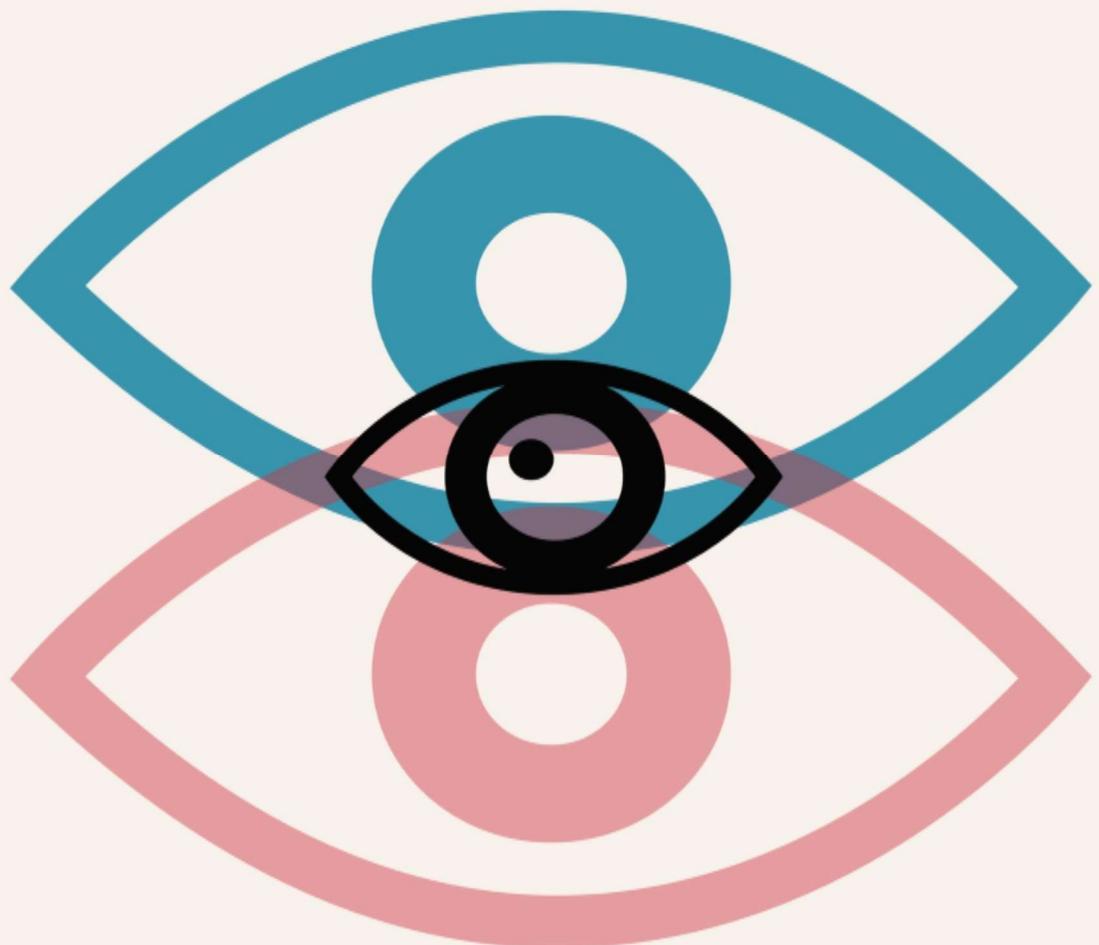


# The Fortuneteller

BY MACHADO DE ASSIS

TRANSLATED FROM PORTUGUESE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

# The Fortuneteller

## Machado de Assis

Translated by:

CRISTIANE BEZERRA DO NASCIMENTO

ELUSIO BRASILEIRO ALVES DE LIMA

IAN DIONISIO BARBOZA

JARLY BARBOSA CAXIAS DE ARAUJO

MAXIMILIANO JOSE DA SILVA

PRISCILLA THUANY C. F. DA COSTA

Professor Adviser:

DANIEL ANTONIO DE SOUSA ALVES

Revised by:

ELAINE ESPINDOLA BALDISSERA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

2017

## PREFÁCIO

A *Cartomante* é um conto do escritor brasileiro Machado de Assis, publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, em 1884, podendo ser encontrado nos livros “*Várias Histórias*” e “*Contos – Uma Antologia*”. Narrado em terceira pessoa, por um narrador que frequentemente invoca o leitor para dentro da trama, o conto apresenta a história de um triângulo amoroso entre as personagens Vilela, Camilo e Rita, tratando de temas como amizade e traição.

A história se passa no ano de 1869, no Rio de Janeiro, onde os amigos de infância Camilo e Vilela, após anos de distância, reencontram-se. Vilela casara-se com Rita, que mais tarde seria apresentada ao amigo. Rita e Camilo, contudo, constroem uma relação mais íntima e eventualmente envolvem-se em relacionamento extraconjugal. A situação arriscada leva a jovem a consultar uma cartomante, que lhe reassegura a confiança no amor de Camilo e em seu futuro juntos. Passado algum tempo, o jovem Camilo recebe uma carta de seu amigo Vilela, pedindo que ele se apressasse em encontrá-lo na sua casa. A partir deste convite, uma série de acontecimentos é desencadeada – inclusive a visita do cético Camilo à mesma cartomante – culminando num final súbito e surpreendente.

A escolha do texto foi feita por meio de votação e discussão entre o grupo de tradutores, e deu-se especialmente pelo fato de se tratar de um texto de domínio público e amplamente conhecido no meio acadêmico brasileiro, cujos integrantes constituem nosso público alvo. Além disso, vale ressaltar a grande influência literária que representa o autor Machado de Assis, bem como a afinidade pessoal dos tradutores por sua obra.

Nosso projeto tradutório levou em consideração o público alvo pretendido como alunos de graduação dos cursos Letras Inglês e Tradução, com domínio avançado do inglês, avançado/nativo do português brasileiro e conhecimento básico da literatura Machadiana. Assim, não foram utilizadas notas tradutórias ou glossários por considerar o público alvo e o seu conhecimento de ambos os idiomas e da cultura brasileira. Além disso, levando em conta as características da época e do texto fonte, optamos pela adoção de um registro de linguagem mais formal, evitando, por exemplo, o uso de contrações.

Com relação à ambientação, buscou-se, na medida do possível, manter as características descritas por Machado e os elementos que apontam para um contexto brasileiro, incluindo nomes de ruas e bairros, por exemplo. A opção por manter os nomes dos lugares e personagens do texto original remete a ideia de Venuti<sup>248</sup> quanto à estrangeirização no processo tradutório, refletindo nossa tentativa de permitir que o leitor do texto em inglês perceba que a narrativa foi construída em local não originalmente falante da língua inglesa, ou seja, trata-se de uma forma de dar visibilidade ao estrangeiro e evidenciar a intervenção das tradutoras e dos tradutores envolvidos.

Faz-se necessário, contudo, refletir mais profundamente sobre algumas escolhas tradutórias. No início do texto, por exemplo, nos deparamos com a seguinte frase: “Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia.” Ao recorrermos à obra de Shakespeare<sup>249</sup> citada nesse trecho, concluímos que se trata de uma frase proferida por Hamlet e direcionada a Horácio: “*There are more things in heaven and earth, Horatio, Than are dreamt of in your philosophy.*” Sendo assim, optamos por traduzir o termo “observa” como “*tells*”, pois entendemos que “observa” não foi utilizado no sentido comportamental de observar ou ver, mas como verbo de elocução, ou seja, desempenhando a função de introduzir uma fala, semelhante a verbos como afirmar e falar.

Destacamos o uso de expressões como “*better safe than sorry*” e “*so far, so good*” para a tradução, respectivamente, de “a precaução era útil” e “Até aí as cousas” como exemplos nos quais nossa preocupação não se ateve ao sentido individual de cada palavra, mas ao que elas representam na interação social. Houve, contudo, a preocupação em investigar a etimologia dessas expressões, a fim de garantir que seu uso seria adequado à época em que o texto foi escrito.

---

<sup>248</sup> VENUTI, L. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 1995.

<sup>249</sup> Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/2265>>.

No segundo parágrafo, temos a seguinte construção: “Apenas começou a botar as cartas, disse-me: ‘A senhora gosta de uma pessoa...’”. A partir da nossa percepção de que os comentários da cartomante eram gerais, ambíguos e falsos, no sentido de que soariam como verdade para qualquer pessoa, optamos por uma construção a menos específica possível, traduzindo para “*you have feelings for someone...*”. No texto traduzido, esse trecho acaba por representar o Efeito Forer<sup>250</sup>, que consiste na observação de que as pessoas avaliam como corretas as avaliações de suas personalidades que são, supostamente, feitas exclusivamente para elas, mas que na verdade são vagas e genéricas o bastante para se aplicarem a uma grande quantidade de pessoas. A frase “*you have feelings for someone...*” poderia facilmente se adequar a um grande número de situações que em nada se assemelham à situação vivida por Rita, contudo esta julga que a cartomante “adivinhou o motivo da consulta”.

Durante a parte inicial do conto, que consiste basicamente no diálogo entre Rita e Camilo, este demonstra preocupação sobre a ida de Rita à cartomante, sugerindo que a visita poderia levar à descoberta de Vilela sobre o caso, ao que Rita responde: “Qual saber!” Entendemos que esta expressão indica que ela não acredita na possibilidade do fato acontecer, questionando as palavras ditas por Camilo anteriormente, que Vilela “poderia sabe-lo”. Dessa forma, optamos por traduzir como “*There is no chance!*”, a fim de tornar mais clara para o leitor essa incredulidade de Rita.

Ainda durante o diálogo, nos deparamos com a maior dificuldade encontrada durante todo o processo tradutório. Trata-se de uma passagem em que o narrador faz uso de uma metáfora em que compara o processo de desconstrução das crenças dentre as quais Camilo foi criado com o processo de poda de vegetação, de acordo com o trecho abaixo:

Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total.

Optamos pela escolha de termos como “*garden*”, “*pruned*”, “*trunk*” e “*wrapped*”, que reforçam a ideia da vegetação, uma vez que julgamos importante o uso da metáfora para a construção do personagem e adequado o investimento nessa imagem da religião enquanto um sistema rizomático, conforme pode-se observar no resultado final da tradução:

He himself, as a child, and even after that, was superstitious, with a whole garden of beliefs instilled by his mother, all of which disappeared when he was twenty years old. On the day he pruned all of these parasitic plants and only the trunk of religion remained, like having received from his mother both principles, he wrapped them in the same doubts, and soon after in a single total denial.

---

<sup>250</sup> Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito\\_Forer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_Forer)>.

Além disso, algumas escolhas foram motivadas pela tentativa de evitar traduções demasiadamente presas à linguagem do texto fonte, como as elencadas na tabela abaixo:

TRECHO EM PORTUGUÊS	TRECHO EM INGLÊS
Pois saiba que fui,	<i>But I will have you know that I went</i>
olhou para ela sério e fixo	<i>gazed serious at her</i>
Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.	<i>I have heard so much about you, my husband feels a great admiration towards you.</i>
com um vulgar cumprimento a lápis	<i>with a humble greeting written in pencil</i>

Tabela 8 – Comparação das traduções do conto A Cartomante – Machado de Assis

No primeiro exemplo mostrado na tabela, optamos por nos distanciar da estrutura encontrada no texto fonte, escolhendo a expressão “*I will have you know*”, de uso mais comum em língua inglesa, que implica o mesmo sentido e, ao nosso ver, transparece de forma equivalente a emoção de Rita durante sua conversa com Camilo.

Já no segundo, a escolha do verbo “*gaze*” – dentre tantos outros oferecidos pela língua inglesa que, de forma geral, poderiam ser traduzidos como “olhar” – justifica-se, por este já possuir por si só o sentido de olhar fixamente; assim, aproveitamos essa característica da língua inglesa (oferecer verbos que implicam atitudes), em vez de seguir uma tradução mais presa à estrutura da língua portuguesa.

No terceiro caso, pudemos perceber como uma tradução feita palavra por palavra soaria estranha (como em *you can't imagine how my husband is your friend*), motivo que nos levou a optar por modificar a estrutura do texto fonte, mantendo, contudo, o sentido do que foi enunciado.

Por fim, no quarto trecho temos mais um exemplo de como se ater ao termo em português nos traria problemas de sentido: a palavra “*vulgar*” em língua inglesa é mais comumente adotada com uma conotação pejorativa, conotação essa que não é encontrada no texto fonte. Optamos, portanto, pela alternativa “*humble*”, que carrega a ideia de simplicidade atribuída ao bilhete em sua descrição no conto.

Em conclusão, o processo de tradução do conto em português brasileiro *A Cartomante*, do escritor Machado de Assis, para a língua inglesa, promoveu importantes reflexões sobre a construção do projeto tradutório, que nos apresentou desafios relacionados especialmente a nossa decisão de preservar a formalidade do texto original. Além disso, o processo de traduzir esse conto trouxe à tona a importância de se desprender da organização das ideias tal como ela se constitui em língua portuguesa, uma vez que o arranjo das ideias em língua inglesa durante a reescritura do texto não necessariamente nos levou a resultados semelhantes ao texto fonte no que se refere a estrutura e escolha de palavras.

## THE FORTUNETELLER

Hamlet tells Horatio that there are more things in Heaven and Earth than are dreamt of in our philosophy. It was the same explanation Rita offered Camilo, on a Friday November 1869, while he laughed at her for consulting a fortuneteller the previous day; the difference was that she explained it in further words.

— Laugh all you want. Men are all like that; they do not believe in anything. But I will have you know that I went, and she foresaw the reason of the visit even before I said a word about it. As she began dealing the cards, she told me: you have feelings for someone...” I admitted so, and then she kept dealing the cards, shuffled them, and finally she told me that I was afraid you would forget me, but that wasn’t true ...

— Wrong! Camilo cut in, laughing.

— Do not say that, Camilo. If you only knew how I have been because of you. You know; I have told you. Do not laugh at me!

Camilo held her hands, gazed serious at her. He swore he cared for her very much, that her fears were childish; and in any case, whenever she felt uncertain, the best fortuneteller would be him. Later, he reproached her saying that it was reckless to walk around those houses. Vilela might find out, and then...

— There is no chance! I was very careful when I entered the house.

— Where is this house?

— Nearby, on Guarda Velha Street; no one was around at that moment. Do not worry, I am not insane. Camilo laughed again:

— Do you honestly believe in those things? — he asked.

It was then that, without realizing she rephrased Hamlet, Rita told him that there were many mysterious and truthful things in this world. Too bad if he did not believe them, she said with a shrug; but the fact remained that the fortuneteller had guessed everything. What else could he want? The proof was that now she was calm and content.

I suspect he was about to speak, but refrained. He did not mean to strip her of her illusions. He himself, as a child, and even after that, was superstitious, with a whole garden of beliefs instilled by his mother, all of which disappeared when he was twenty years old. On the day he pruned all of these parasitic plants and only the trunk of religion remained, like having received from his mother both principles, he wrapped them in the same doubts, and soon after in a single total denial. Camilo believed in nothing. Why? He could not say, he could not provide a single argument; he hindered himself to the denial of everything. But, actually, not even that, because denying something is still an affirmation, and he did not formulate his lack of belief. When faced with the mysterious, he was content with shrugging his shoulders and he kept walking.

They said goodbye feeling reassured, he more pleased than her. Rita was sure she was beloved. Camilo was not only sure of it, but he watched as she trembled and took risks for him, going to fortunetellers, and much as he berated her, he could not help feeling flattered. The meeting house was in the old Barbonos Street, where one of Rita's fellow countrywomen lived. Rita walked through Mangueiras Street towards Botafogo, where she lived. Camilo descended Guarda Velha Street, glancing at the fortuneteller's house.

Vilela, Camilo and Rita, three names, one adventure and no explanation about their origins. We shall address it now. The first two were childhood friends. Vilela pursued a magistrate career. Camilo became a civil servant, against his father's will, who wanted him to be a doctor; however, his father died, and Camilo preferred to do nothing until his mother arranged him a job as a civil servant. At the beginning of 1869, Vilela returned from the province, where he had married a fair but silly lady; he left the magistracy and came to open a lawyer's office. Camilo found him a house around Botafogo and welcomed him when he arrived.

— Is it really you, Sir? Rita exclaimed, reaching out to greet him. My husband feels a great admiration towards you; I have heard so much about you.

Camilo and Vilela eyed each other tenderly. They were great friends. Afterwards, Camilo admitted to himself that Vilela's letters were truthful to the beauty of his wife. She was indeed gracious and lively in her gestures, warm eyes, her mouth delicate and inquisitive. She was a little older than them: she was thirty; Vilela was twenty-nine and Camilo, twenty-six. However, the grave way Vilela carried himself made him look older than her, while Camilo was naïve in both moral and practical terms. He lacked the test of time and the crystal glasses that nature places on certain people while they are still in cradle to age them. Neither experience, nor intuition.

The three of them united. By spending time together, they cultivated intimacy. Soon after Camilo's mother passed away, the disaster it had been, the couple demonstrated to be extremely supportive. Vilela dealt with the funeral and the inventory; Rita took care especially of his heart, and no other would do it better.

How they went from there to love, he never knew. The truth is he enjoyed spending time by her side; she was his moral nurse, almost a sister, but before all else she was a woman and she was beautiful. *Odor di femina*: this is what he scented in her, and around her, to incorporate it in himself. They read the same books, went to plays and walked together. Camilo taught her checkers and chess, and they played at night — he was going easy on her. So far so good. Now, Rita's attitude, her stubborn eyes that often sought his, consulting them before her husband's, her cold hands, and the unusual behavior. On his birthday, he received from Vilela a gorgeous cane as a gift, and from Rita only a card with a humble greeting written in pencil, and that was when he could read it in his own heart; he could not take his eyes off the little note. Ordinary words - but there is such a thing as sublime ordinariness - or at least delightful ones. The old carriage in which you strolled with your beloved for the first time, sitting closed together, is worth Apollo's chariot. Men are all like that, so are things that surround them.

Camilo sincerely wanted to escape, but he no longer could. Rita, like a serpent, constricted him entirely, snapped his bones in a spasm, and dripped the poison in his mouth. He was stunned and subdued. Shame, fear, remorse, desires, he felt all of these at once, but the battle was short and the victory, delirious. Goodbye, principles! It was not long until the shoe adjusted to the foot, and then they went along the road, arm in arm, walking loosely on top of herbs and pebbles, suffering nothing more than some longing whenever they were away from each other. Vilela's confidence and esteem remained the same. One day, however, Camilo received an anonymous letter, which called him immoral and insidious, and said that their indiscretion was known to all. Camilo was afraid, and to distract suspicion, made himself scarce from Vilela's home. He noticed the absences. Camilo replied that the reason was a frivolous young boy's passion. From innocence to cunning. The absences endured and soon the visits stopped entirely. It might have had something to do with a dose of self-worth, a desire to decrease the obstacles built by the husband, to soften the treachery of the act.

It was around that time that Rita, suspicious and afraid, rushed to the fortuneteller to consult her about the real reason behind Camilo's demeanor. We know the fortuneteller restored Rita's trust and that the young man reproached her for doing what she did. A few weeks passed. Camilo received two or three more anonymous letters, so full of passion that they could not be friendly warnings, but contempt from an admirer; that was Rita's opinion, who, through poorly composed words, formulated this thought: — Virtue is lazy and greedy; it wastes no time or paper. Only admiration is active and prodigal.

Nevertheless, Camilo remained concerned, fearing the anonymous person would meet with Vilela, and disaster would unfold. Rita agreed that it was possible.

— Well, she said: I will bring these envelopes and compare the handwriting to the ones in the letters that shall arrive there. If any of them matches, I will keep it and I will tear it up...

None appeared; a while later, Vilela began to act cryptically, barely speaking, as a distrusting man. Rita told her lover as quickly as possible, and then they reflected about it. Her opinion was that Camilo should return to their house, to sound out her husband, and he might hear some confidence. Camilo differed; showing up after so many months would only confirm the suspicion or complaint. Better to be cautious; avoid seeing each other for a few weeks. They decided on how they would keep in touch in case of need and, joylessly, went their separate ways.

On the following day, while at office, Camilo got this message from Vilela: “Hurry now to our house; I need to see you straight away”. It was already past midday. Camilo left quickly; on the street, he considered that calling him to the office would have been more normal; why at home? Everything was pointing to a special matter, and the handwriting seemed shaky. He connected all these things to the news from the day before.

— Hurry now to our house; I need to see you straight away, — he repeated to himself while staring at the paper.

In his mind, he was only scratching the surface of the situation; he pictured Rita subdued and tearful, Vilela outraged, grabbing the quill and writing the note, certain that he would come to her rescue, and waiting to kill him. Camilo shivered with fear: then he forced a smile, for he cringed at the idea of retreating, and kept walking. On his way, Camilo thought of going home where he might find a note from Rita that would explain everything. There was nothing and no one there. He returned to the street, and the idea of being exposed seemed more and more possible; an anonymous tip seemed natural, even from the person that had threatened him before; Vilela could be aware of everything by now. The ceasing of Camilo’s visits, without an apparent reason, only a shallow motivation, would come to confirm all the rest.

Camilo was walking restless and nervous. He only read the note once, but the words were inside his mind, before his eyes, still, — or even worse, — they kept being whispered in his ears by Vilela’s own voice. “Hurry now to our house; I need to see you straight away.” As such through his friend’s voice, it had a mysterious and threatening tone. Hurry now for what? It was almost one o’clock. The anxiety grew with every minute. He pictured so vividly what was to come that he was able to believe it and see it. He was positively scared. He considered bringing a gun, given that he had nothing to lose; better safe than sorry. He soon rejected the idea, ashamed of himself, and quickened his steps towards Largo da Carioca to get a tilbury, asking the conductor to hurry up.

“The sooner the better, he thought; I cannot remain in this state...”

As the horse loped, his anxiety was increasing. Time was flying by so fast that he would soon face the danger. Almost at the end of Guarda Velha Street, the tilbury came to a halt; the street was jammed because of a cart that had fallen. Camilo estimated the delay and waited. Five minutes later, he noticed that on his left was the fortuneteller's house, the one who Rita once sought, and he never wished so much to believe in the cards. He noticed the windows of her house closed while all the others were open and crowded with curious people looking at the accident. The house was indifferent to the happening; one might call it the house of indifferent Destiny.

Camilo leaned back on the tilbury, so he would not see a thing. He was in a state of extraordinary agitation, and from the bottom of his moral layers, ghosts from a different time would emerge, the old beliefs, the ancient superstitions. The conductor suggested that they should turn back and take a different route: Camilo declined and told the coachman to wait. And he would lean to gaze at the house... then he made a gesture of disbelief: the idea of listening to the fortuneteller hovered far, far above him, with its long grey wings; it disappeared, reappeared and again faded from his brain; but after a while, it once more flapped its wings, now closer, flying in narrowing circles... On the street, men shouted while towing the cart:

— Go! now! push! go! go!

Soon the obstacle would be removed. Camilo closed his eyes, tried to think of something else: but the husband's voice was whispering the words from the letter: "Hurry now..." He saw the unfolding drama and shivered. The house gazed back at him. His legs wanted to leave the tilbury and go in. Camilo found himself before a long, opaque veil... he thought of the unexplainable nature of so many things. His mother's voice was retelling him a number of astonishing cases in his mind: and the same quote from the Prince of Denmark echoed inside him: "There are more things in Heaven and Earth than are dreamt of in philosophy... "What could he lose if...?"

He found himself on the sidewalk, standing at the fortuneteller's door; he told the conductor to wait and rushed through the corridor and up the stairs. The light was dim, the steps were worn out, the handrail was sticky; but he neither saw nor felt anything. He knocked, and since no one answered, he considered going back down; but it was too late, curiosity whipped his blood, his temples throbbed; he knocked again once, twice, three times. A woman came; it was the fortuneteller. Camilo said he had come to consult her, she let him in. From there, they headed to the attic, through a staircase even worse and darker than the one before. Upstairs, there was a small room, poorly lit by a window. Old furniture, bleak walls, and an air of poverty that enriched, rather than ruined, the prestige of the place.

The fortuneteller bade him to sit by the table, and sat opposite to him, her back facing the window, in a way that the little light that came from outside was striking Camilo right onto his face. She opened the drawer and drew a pack of long and timeworn cards. While shuffling, she glimpsed at him, not directly but through the corner of her eyes. She was a brunette and thin, forty-year-old Italian woman, with sneaky eyes. She put three cards on the table, and told him:

— First, let's see what brings you here. You are scared... — Camilo, astonished, nodded in confirmation.

— And you want to know, if anything will happen or not — she continued.

— To me and to her — he explained vividly.

The fortuneteller did not smile: She told him just to wait. She quickly got the cards again and shuffled them, with her slender fingers, dirty nails; she shuffled them well, once, twice, three times; then she put them on the table. Camilo gazed at her, curious and anxious.

— The cards tell me... — she said.

Camilo leaned to soak up the words one by one. Then she told him not to be afraid of anything. Nothing would happen, to neither of them; the third party was unaware of everything. Yet, it was paramount to be cautious: there was a lot of jealousy and resentment. She spoke of the bond of their love, of Rita's beauty... Camilo was amazed. The fortuneteller got the cards and returned them to the drawer.

— You have restored my peace of mind — he said, shaking her hand. She stood up, laughing.

— Go, she said; go, ragazzo innamorato... And standing, she touched him on the forehead with her index finger. Camilo shuddered, as she was the sibyl herself, and stood up as well. The fortuneteller went toward the dresser, on which was a dish with raisins, took off a bunch of them, pulled them out and ate them, showing two rows of pearly white teeth much different from the dirty nails. She had a distinguished behavior in this simple action. Camilo, looking forward to leave, didn't mind how much to pay; he didn't care about the price.

— Raisins cost money - he said, taking his wallet. How many bunches do you want to send for?

— Listen to your heart, she replied.

Camilo took a ten thousand réis bill off his wallet, and gave it to her. The fortuneteller's eyes shone. The usual price was two thousand réis.

— I can see you like her very much. And that is good; she feels the same. Go, go in peace. Watch out for the stairs, it is dark; put your hat on...

The fortuneteller had already saved the bill in her pouch, and went downstairs with him, speaking with a slight accent. Camilo said goodbye, and he went down the stairs that led to the street, while the fortuneteller, happy with the payment, went upstairs, humming a barcarolle. Camilo found the tilbury waiting; the street was empty. He got in and followed in a hurry.

All seemed better now, things seemed different, the sky was clear and the faces were good-looking. He started laughing at his fears, finding them childish; he recalled the terms of Vilela's letter and acknowledged that they were personal and familiar. How could he find it threatening? He also warned that they were urgent, and that made him feel bad for delaying himself in such a way; it could be something of real seriousness.

— Come on, haste - he repeated to the conductor.

To explain the delay to the friend, he came up with something; it seems that he also made up a plan to take advantage of the incident to return to the old assiduity... Back with the plans, the words of the fortuneteller reverberated in his soul. In fact, she had guessed the inquiry object, his condition, the existence of a third person; why would she not guess the rest of it? The ignored present is worth the future. It was this way, slowly and continuously, that the boy's old beliefs were coming back, and the mystery excited him. Sometimes he wanted to laugh, and he laughed at himself, somewhat embarrassed; but the woman, the letters, the words and statements, the exhortation: — Go, go, ragazzo innamorato; and at the end, in the distance, the farewell barcarolle, slow and graceful, such were the new elements, which formed, with the old ones, a new and vivacious faith.

The truth is that his heart was happy and impatient, thinking about the joyful hours of yore and the ones that were to come. As he passed by Glória, Camilo looked at the sea, as far as the water and the sky became one in the horizon, and, thus, he felt a sensation of a long, long, endless future.

Soon, he came to Vilela's house. He got out, pushed the garden's iron door and got in. The house was quiet. He went up the six steps of stone, and hardly had time to knock, the door opened, and Vilela came out.

— Sorry, I could not come sooner; what happened?

Vilela did not reply; he had decomposed traits; he signed to him, and they went to an inner room. Coming in, Camilo could not stifle a scream of terror: — in the background, on the settee, Rita was dead and bloody. Vilela took him by the neck, and, with two gun shots, Camilo fell dead on the floor.

THE END

## A CARTOMANTE

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca. Camilo riu outra vez:

— Tu crês de veras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. Odor di femina: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas. Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se... ?

Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não, viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dalí subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto... Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante. Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato... E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá, tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

FIM

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000181.pdf>

---